



Palavras Chave:
→Sonho
→Corpo Simbólico
→Somatização
→Conscientização
→Mito e Corpo
→Alquimia

Suzana Delmanto <suzana@delmanto.com>

■ Psicóloga Clínica
■ Especialista em Cinesiologia – Instituto Sedes Sapientiae

A Corporificação dos Sonhos através da Calatonia

Trata-se da apresentação de uma conduta terapêutica sistemática com embasamento junguiano, que usa a Calatonia como um recurso que pode favorecer a corporificação dos sonhos, podendo mobilizar o alcance da compreensão dos conteúdos oníricos.

O significado da mensagem do sonho que emerge dos registros corporais, a sua compreensão e a sinalização da direção a ser tomada, são aspectos que podem aflorar durante a Calatonia.

Nela é dado ao corpo do cliente a oportunidade de se manifestar na sua linguagem e de ser escutado na sua fala, o trabalho vai se definindo através do enraizamento das vivências oníricas com a tomada de consciência das suas manifestações corpóreas.

A escuta do universo corporal para o alcance da compreensão dos conteúdos oníricos como uma conduta terapêutica sistemática, a colheita das informações, das transformações e das orientações que brotam das profundezas do corpo, certamente abrem um caminho de luz cujo horizonte é sem limites para o advir de uma expansão da consciência. Nos últimos anos temos trabalhado de modo sistemático, usando os benefícios da Calatonia¹ na interpretação dos sonhos. Conforme os sonhos, a imaginação ativa ou mesmo referências simbólicas vão sendo trazidas para o campo terapêutico, pedimos para o cliente deixar que seu corpo manifeste a sua expressão sobre esses conteúdos que se apresentaram condensados em imagens. É proposto então o caminho da vivência calatônica, que pode favorecer a abertura da linguagem corporal. Ele é convidado a deixar que o próprio corpo se manifeste sobre a mensagem do sonho ou das imagens simbólicas que possam eventualmente emergir.

A atitude do terapeuta para aplicar a Calatonia é de vital importância para o trabalho. Neste sentido, a orientação deste método se mostra bem definida: (DELMANTO, 1997, p. 49) – “é essencial que se deixe um espaço em aberto, não projetando expectativas sobre o que vai ocorrer com o cliente” – “não queiram nada; apenas observem o que vai ocorrer”. Com esta conduta terapêutica fica mais afastado o risco da interferência de conteúdos menores, tanto do cliente como do terapeuta, respeitando a preocupação sempre presente no campo analítico de se cuidar para evitar induções inadequadas, tão fáceis de acontecer quando vigora a presença dominante do campo racional.

A Calatonia, na medida que promove um rebaixamento do controle racional, favorece ao mesmo tempo a soltura de tensões crônicas, desde as mais visíveis até aquelas que se escondem nas profundezas viscerais, mobilizando também a regulação dos fluxos corporais, da cadência respiratória e dos batimentos cardíacos. Nestas condições pode fluir a liberação no corpo de todo um potencial energético antes retido nas tensões crônicas ou aprisionado em disfunções pulsionais. Assim, torna-se possível não só o resgate deste potencial, como também o seu reaproveitamento para ser usado em novas configurações. Conforme sinalizado por Dr. Pethő Sándor (cit., pg. 20) – “esse potencial de força vital, uma vez livre, dirigir-se-á para o inconsciente, mobilizando uma condensação de conteúdos que, trazidos ao campo analítico, são de riqueza incontestável para o progresso terapêutico”. Também durante este tempo prolongado no silêncio da mente, fica favorecido o vivenciar das sensações corpóreas que registram a história das ocorrências em linguagem corporal. Neste estado crepuscular, as sensações corpóreas podem se apresentar condensadas em imagens simbólicas, que são criações de valoração onírica, isto é, possuem o mesmo valor simbólico que as imagens oníricas². O significado da mensagem do sonho que emerge dos registros corporais, a sua digestão e a sinalização da direção a ser tomada, são aspectos que podem aflorar durante a Calatonia. Nela é dado ao corpo do cliente a oportunidade de se manifestar na sua linguagem, ou seja,

1. Método de trabalho corporal criado por Dr. Pethő Sándor (1916 – 1992), médico de origem húngara e psicólogo, radicado no Brasil desde 1948. Corresponde a nove toques aplicados simultaneamente em pontos precisos dos pés, incluindo calcanhar e tornozelo, com um toque de finalização na base da nuca. Cada toque pontual é feito com extrema sutileza, tendo duração média de três minutos. O silêncio e a monotonia do trabalho favorecem a entrada num estado crepuscular da mente, ao mesmo tempo que os estímulos térmicos, de pressão e energéticos captados pelos receptores da pele, atuam criando condições para harmonização dos fluxos corporais e da tonicidade muscular. O método pode ser encontrado descrito na sua íntegra pelo seu criador (Sándor, 1974).

o trabalho vai se definindo através do enraizamento das imagens oníricas com a tomada de consciência das suas manifestações corpóreas.

Podemos encontrar no transcorrer do contexto terapêutico calatônico, um clareamento dos sentimentos obscuros e das emoções nebulosas através do mergulho no vivenciar das sensações corporais. Foi ressaltado nos trabalhos de Reich (SÁNDOR, P., 1974, p. 64) o fato de que... “o *tônus da musculatura voluntária, a afetividade e o tônus visceral encontram-se numa correlação múltipla, que abrange ao mesmo tempo vários circuitos funcionais em termos bio-psíquicos e psicossomáticos*”. Nesse mesmo sentido, Walter Bühler (BÜHLER, 1990) numa linguagem antropológica, falando do corpo como instrumento da alma e comentando sobre as interligações com os sentimentos, a consciência e a vontade, diz que o vai-e-vem dos sentimentos se manifesta nos processos rítmicos da respiração, do batimento cardíaco e o desabrochar da vontade de nossa alma se expressa no sistema metabólico-motor. Podemos considerar que, na Calatonia, o corpo pode ser abrangido na sua dimensão mais ampla, na medida em que, das profundezas da sua natureza, configuram-se e transmutam-se sonhos e fantasias, assim como manifestações de conteúdos arquetípicos e de expressões míticas. Jung se referiu à importância da orientação que advém da natureza (Jung, 1976, trad. SÁNDOR, P., p. 80) dizendo – “O que devemos fazer na análise é remover as opiniões conscientes, ajudando a natureza para que ela possa trabalhar no seu modo quieto... sem a nossa detestável intervenção”.

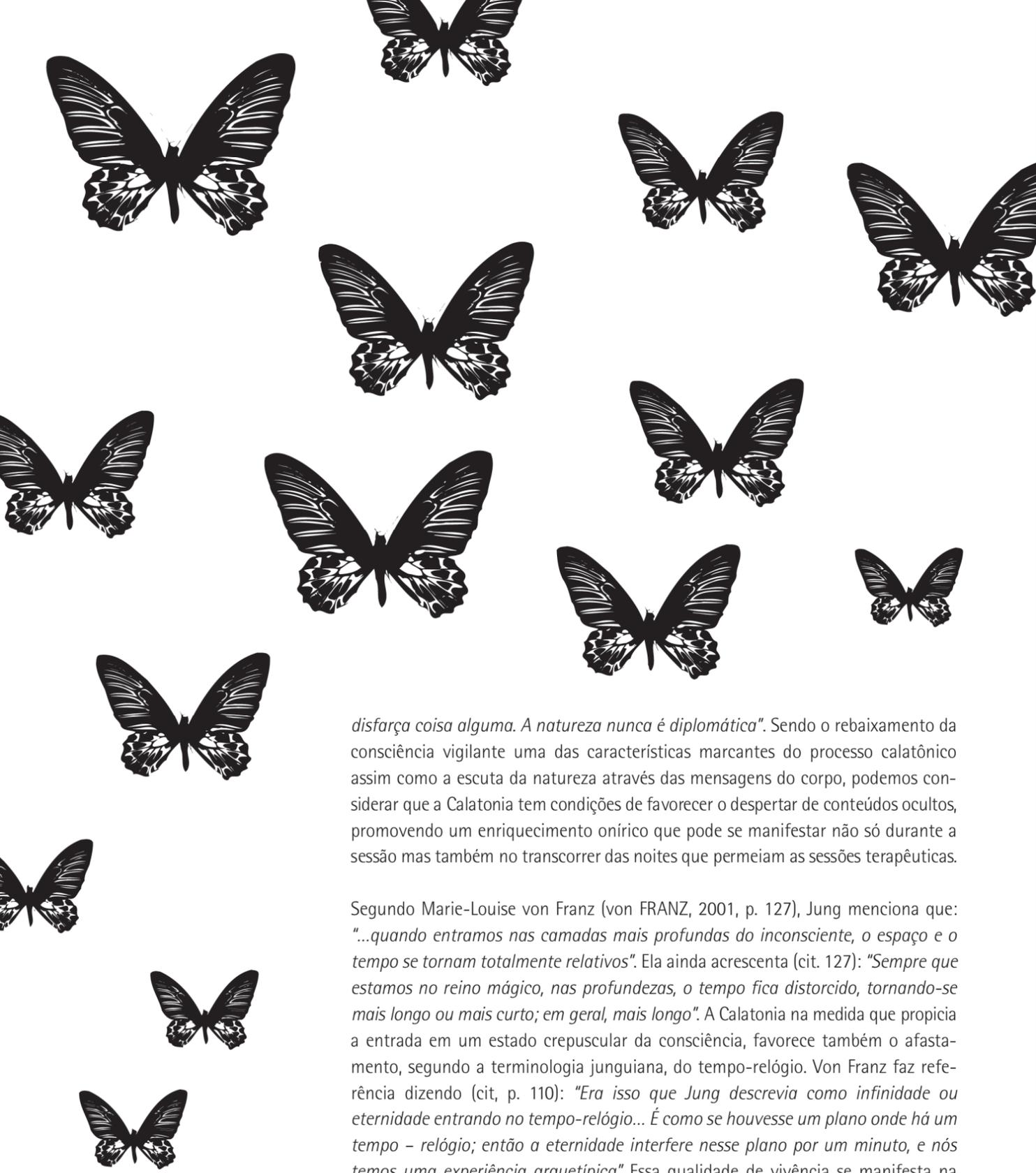
Extraír do corpo do cliente a compreensão de suas histórias e a orientação de vida a ser tomada é um trabalho a que temos nos dedicado sistematicamente no contexto terapêutico: sempre colhemos bons frutos que costumam se manifestar no ânimo que mobiliza a alma e no alívio das opressões, obtido através da digestão dos seus conteúdos, com uma conseqüente visualização de novos caminhos. Costuma aflorar com a Calatonia um certo estado de bem-estar alegre que traz entusiasmo para a vida, sendo reconhecidos os benefícios que promove para o dinamismo do corpo, ao mesmo tempo em que favorece uma expansão da consciência. Podemos encontrar nos mais distintos trabalhos terapêuticos, desde os caminhos de Reich aos campos da antroposofia, uma concordância no sentido de que o corpo é expressão da história do viver, conforme Rudolf Steiner escreveu (BÜHLER, 1990, p. 26): – “No coração tece o sentir. Na cabeça brilha o pensar. Nos membros vigora o querer...”. Durante a vivência da Calatonia, quando já se faz presente o apaziguamento dos pensamentos repetitivos, quando já se configura um rebaixamento da consciência vigilante, costuma ocorrer uma intensificação livre das expressões sensoriais, favorecendo o descortinar de um palco vivencial-onírico.

Em relação à importância de um estado de rebaixamento da consciência vigilante para o progresso terapêutico, Jung (JUNG, 1976, p. 51) faz referência a um “*abaissement mental*”, que confere uma certa predominância ao inconsciente. Comenta que o rebaixamento da consciência favorece o aflorar do inconsciente, que se manifesta na configuração de sonhos. Nise da Silveira (SILVEIRA, N., 1992, p. 103) comenta que: “*Sendo o inconsciente manifestação autêntica da natureza, o sonho, formação nativa do inconsciente, tem todas as características de um produto genuinamente natural. Exprime as coisas como elas são, na linguagem arcaica das imagens. Não*

2. Esta expressão aparece no artigo de MACHADO FILHO, P.T. – As imagens calatônicas – no site www.calatonia.net

“
não queiram nada;
apenas observem
o que vai ocorrer
”

“
ajudar a natureza
para que ela possa
trabalhar no seu
modo quieto
”



disfarça coisa alguma. A natureza nunca é diplomática". Sendo o rebaixamento da consciência vigilante uma das características marcantes do processo calatônico assim como a escuta da natureza através das mensagens do corpo, podemos considerar que a Calatonia tem condições de favorecer o despertar de conteúdos ocultos, promovendo um enriquecimento onírico que pode se manifestar não só durante a sessão mas também no transcorrer das noites que permeiam as sessões terapêuticas.

Segundo Marie-Louise von Franz (von FRANZ, 2001, p. 127), Jung menciona que: *"...quando entramos nas camadas mais profundas do inconsciente, o espaço e o tempo se tornam totalmente relativos"*. Ela ainda acrescenta (cit. 127): *"Sempre que estamos no reino mágico, nas profundezas, o tempo fica distorcido, tornando-se mais longo ou mais curto; em geral, mais longo"*. A Calatonia na medida que propicia a entrada em um estado crepuscular da consciência, favorece também o afastamento, segundo a terminologia junguiana, do tempo-relógio. Von Franz faz referência dizendo (cit, p. 110): *"Era isso que Jung descrevia como infinidade ou eternidade entrando no tempo-relógio... É como se houvesse um plano onde há um tempo – relógio; então a eternidade interfere nesse plano por um minuto, e nós temos uma experiência arquetípica"*. Essa qualidade de vivência se manifesta na Calatonia numa frequência muito significativa. Imagens de valoração onírica com conteúdos arquetípicos, podem surgir espontaneamente durante o vivenciar do momento calatônico. Considerar o seu valor para auxiliar na captação dos símbolos que emergem das profundezas, é uma decisão que encontra seus fundamentos nos critérios do campo analítico. Lembrando do que dizia Jung (cit., 9) *"O único fator de cura em terapia é a experiência arquetípica"*. E ainda (JUNG, 1976, trad., p. 49), *"O nosso consciente é, de modo peculiar, passivo e incompetente"*. Neste sentido, a vivência calatônica flui integrada com o pensar junguiano.

Ainda convém ressaltar que a Calatonia favorece a manifestação da inteligência natural e a atuação da sabedoria inerente à natureza do corpo, para a compreensão das mensagens dos sonhos. A participação da vontade da natureza norteando os passos a serem dados e os caminhos a serem percorridos na trajetória da vida, pode ser encontrada nos mitos e nas lendas, assim como nas manifestações das intuições primordiais. Joseph Campbell (CAMPBELL, 1972) nos lembra que carregamos dentro de nós as leis pelas quais o mundo é mantido em ordem. A Calatonia, na medida em que favorece a colheita das intuições primordiais, ativa a presença dos mitos nas vivências corpóreas. Conforme se expressa Stanley Keleman (KELEMAN, 1999, pp. 25/26) – *"a nossa estrutura corporal determina um modo mítico de pensar e nos dá identidade... "Os mitos dramatizam a experiência da nossa corporificação" e ainda... "eles falam às nossas diferentes necessidades biológicas"*. Este autor, realçando a função prática do mito, aponta que: (cit., introdução) – *"Os mitos tem uma função prática. Eles permitem que as pessoas organizem a experiência do próprio corpo"*. A dimensão de um corpo simbólico pode ser encontrada durante a Calatonia com manifestações de imagens somáticas.

Na vivência calatônica, o corpo é acolhido na sua dimensão de um "grande vaso alquímico", no sentido de que tudo contém e onde tudo acontece. Podemos encontrar nesta dimensão dada ao corpo, a configuração de um berço que favorece condensações de imagens carregadas de símbolos ou de representações somáticas. Vivências configuradas em imagens costumam se manifestar quando o corpo se entrega no processo calatônico. São freqüentes os relatos de sensações de flutuação que podem se fazer acompanhadas de imagens, sendo mais freqüentes as de formas geométricas ou mesmo as vivências de alterações na sensação do volume e da dimensão corpórea. Também podem aflorar fragmentos oníricos com mensagens de raízes religiosas, mensagens que através dos tempos se manifestam e se perpetuam nos rituais sagrados. A vivência de uma transcendência dos níveis mais densos da matéria, que pode ser proporcionada pela Calatonia, é alimento para a alma, que refloresce encantada, podendo trazer para a vida um encontro do seu sentido. Num contexto religioso temos a visão de Teilhard de Chardin (DELMANTO, 1997, p. 27) que: *"concebe a matéria animada interiormente de espiritualidade"*. Sobre o campo sagrado do corpo, dimensão reconhecida no trabalho calatônico, a terapeuta junguiana June Singer (SINGER, 2002) nos lembra que: *"o pensar, o sentir, o perceber e o saber dependem do corpo"*. Acentua a não ocorrência da vida sem o corpo, citando Novalis em Aforismos: (cit., p. 265) – *"Só existe um templo no mundo. E é o corpo humano. Nada é mais sagrado do que essa nobre forma"*.

Podemos ter acesso, durante o trabalho com Calatonia, a duas linguagens para a expressão do sonho: a corporal e a simbólica. No transcorrer da sua vivência é dado ao corpo espaço para a livre expressão das suas imagens somáticas, representações oníricas ou expressões emocionais arquivadas nos registros corporais. Como faz referência Jung: (JUNG, 1976, p. 301) – *"qualquer coisa experimentada fora do corpo, num sonho por exemplo, não é experimentada a menos que a incorporemos, porque o corpo significa o aqui e agora"*. O vivenciar de uma interligação dos processos corporais com a formação das imagens simbólicas, é de incontestável valor para o alcance de uma amplificação da consciência. A vivência desta interligação enraizada no registro orgânico descortina um campo luminoso para o progresso terapêutico.

“
a eternidade
interfere um
minuto, e nós
temos uma
experiência
arquetípica
”

“
é posta em
movimento uma
força espiritual
cuja ação
transcende os
limites do tempo
”

A corporificação dos sonhos através da Calatonia pode ainda encontrar os seus fundamentos no próprio movimento dos sonhos. A mensagem de um sonho no seu esforço de ser captada, costuma insistir no reconhecimento do seu conteúdo, voltando e voltando a se apresentar no campo onírico usando novas composições simbólicas, mostrando-se no palco psíquico com roupagens e representações variadas que se manifestam ao mesmo tempo numa linguagem somática. Assim, as imagens que afloram no transcórre do processo terapêutico calatônico, podem ser consideradas como mensageiras dos conteúdos oníricos, como formações somáticas que brotam do corpo, trazendo as mensagens dos sonhos através de particulares palcos simbólicos. Neste sentido, a Calatonia evidencia o seu uso como um caminho que pode favorecer a corporificação dos sonhos. No I CHING, Livro da Sabedoria, temos confirmada a importância do campo das imagens como fonte primordial para a expressão da vida. Assim está escrito: (Livro das Mutações, 1982, p. 248): *“É certo que a palavra e a escrita são transmissoras imperfeitas de pensamentos. Mas através das imagens e dos estímulos que elas mantêm é posta em movimento uma força espiritual cuja ação transcende os limites do tempo.”*

Ainda com base na sabedoria dos antigos, temos o registro de que certa vez, Confúcio, diante de um rio, assim se expressou (cit., p. 8): *“Tudo segue, fluindo como esse rio, sem cessar dia e noite.”* No I CHING temos também que (cit., p. 247): *“A transformação e a adaptação das coisas umas com as outras dependem das mutações. O estimular do corpo e o movimento dependem da continuidade. A espiritualidade e a clareza dependem do homem correto.”* O corpo na Calatonia, dando continuidade aos ensinamentos do passado, é vivenciado na sua qualidade de um “grande vaso alquímico”, com as moléculas que compõem a sua história sendo vividas na plenitude de uma realidade móvel e sempre apresentando configurações particulares. O cliente e o terapeuta, na vivência da Calatonia e na busca da compreensão das mensagens dos sonhos são eternos aprendizes. 📖

Bibliografia

- BÜHLER, W., **O Corpo como Instrumento da Alma**. São Paulo, A. Benef. Tobias, 1990.
CAMPBELL, J., **Para Viver os Mitos**. São Paulo, Cultrix, 1972.
DELMANTO, S., **Toques Sutis**. São Paulo, Summus, 1997.
JUNG, C.G., **The Visions Seminars**. Zurique, Spring Publication, 1976 (trad. SÁNDOR, P.)
_____, **Sincronicidade**. São Paulo, Vozes, 1984.
KELEMAN, S., **Mito e Corpo**. São Paulo, Summus, 1999.
SÁNDOR, P., **Técnicas de Relaxamento**. São Paulo, Vektor, 1974.
SILVEIRA, N., **Jung - Vida e Obra**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.
SINGER, J., **A Mulher Moderna em Busca da Alma**. São Paulo, Paulus, 2002.
VON FRANZ, M.L., **O Gato**. São Paulo, Paulus, 2001.
WILHELM, R., **I CHING – Livro das Mutações**. São Paulo, Pensamento – prefácio de C.G. Jung, 1982.